

GÉNERO E ESPAÇO RURAL

O caso de uma aldeia alentejana

Renato Miguel do Carmo

Introdução

Na segunda metade da década de 1970, o sociólogo Afonso de Barros (1986) caracterizou o sistema latifundiário por intermédio de um estudo monográfico sobre Albernoa.^{1/2} Tal como a maior parte das aldeias alentejanas, de cariz mediterrâneo, a população de Albernoa trabalhava maioritariamente como assalariada nas herdades envolventes. A ligação a espaços mais urbanos era relativamente residual.

Na sociedade rural alentejana os papéis e as relações de género encontravam-se relativamente bem definidas. O indicador mais expressivo da desigualdade sexual, salientado por alguns autores que estudaram a região, referia-se ao modo diferenciado como cada elemento do casal se apropriava do espaço aldeão: a mulher confinada ao espaço doméstico e o homem detendo uma postura mais visível, é uma imagem recorrente que normalmente se utiliza para caracterizar os papéis sexuais tradicionais.

No entanto, nestes últimos trinta anos ocorreram profundas mudanças estruturais nos meios rurais que afectaram decisivamente essa imagem clássica. De facto, em 2003 revisitámos Albernoa, e verificámos que a aldeia sofreu consideráveis alterações na estrutura social e nos modos de vida. A população diminuiu, envelheceu e a aldeia tornou-se mais dependente da cidade de Beja. Simultaneamente, Albernoa assistiu a um efectivo desmantelamento funcional, perdendo um conjunto de serviços, o que tornou cada vez mais preponderante a função residencial.

Este texto tem como objectivo principal tentar perceber em que medida se alteraram as tradicionais divisões socioespaciais estabelecidas entre géneros, devido aos factores de modernização e de urbanização da vida quotidiana, que tendem a influenciar o quotidiano da comunidade rural. Na verdade, para parte significativa dos estudos que se debruçaram sobre comunidades rurais tradicionais, as formas de apropriação do espaço vivido reflectiam e produziam fortes diferenciações estabelecidas entre as práticas sociais de género. Neste sentido, o presente artigo pretenderá descortinar em que medida as questões de ordem espacial perderam (ou não) importância para a análise das relações e dos papéis sexuais que se desenvolvem no seio de uma comunidade rural.

Será que as características actuais do espaço aldeão deixaram de condicionar a forma como os homens e as mulheres vivem o dia-a-dia em Albernoa? É a esta

1 Este artigo é uma versão revista e resumida de parte de um capítulo da minha tese de doutoramento (*vd Carmo, 2005*), entretanto editada em livro (*vd Carmo, 2007*).

2 Freguesia rural localizada no Baixo Alentejo (Sul de Portugal) a 20 km da cidade de Beja (capital de distrito).

questão que nos propomos responder ao longo texto. Contudo, chamamos a atenção para o facto de toda a caracterização efectuada se circunscrever a esta aldeia particular, não devendo, por isso, generalizar-se a outros contextos locais e regionais.

O artigo organiza-se em seis pontos interdependentes, a partir dos quais caracterizaremos brevemente as mudanças estruturais ocorridas em Albernoa ao longo das últimas três décadas, faremos um enquadramento teórico em torno das questões de género em meios rurais e, finalmente, analisaremos o modo como se organizam na aldeia determinadas práticas sociais em função do género.³

Sistema *latifundista* e papéis de género

Até aos anos 50 do século anterior, tende a definir-se a situação socioeconómica do país agrícola a partir da diferenciação entre *agricultura familiar* predominante a Norte, por oposição à agricultura de tipo *patronal ou latifundiária* reinante a Sul.⁴ A primeira é representativa da sociedade camponesa, onde a actividade agrícola era fundamentalmente de subsistência e determinada a partir do espaço doméstico e familiar. Este tipo de sociedade compreendia uma estrutura social relativamente homogénea, na qual a desigualdade se estabelecia entre a classe dos pequenos agricultores e a dos lavradores mais abastados, que possuíam maior porção de terra e utilizavam na produção agrícola mais meios de trabalho. Por seu turno, a percentagem de jornaleiros era claramente menor relativamente às zonas do Sul.⁵

Em contrapartida, na região alentejana as formas de divisão social eram bem mais polarizadas em torno de dois estratos principais: os grandes proprietários e os trabalhadores assalariados que representavam parte substancial da população agrícola.⁶ O sistema tradicional que dominou as estruturas e a vida social do Alentejo até

3 Os dados apresentados resultam da aplicação de um inquérito por questionário a mais de metade dos agregados familiares de Albernoa e de entrevistas aprofundadas realizadas a treze pessoas. O inquérito aos residentes da aldeia foi aplicado a 145 indivíduos de diferentes agregados familiares. A aplicação decorreu em quinze dias e teve como modalidade a entrevista directa efectuada porta a porta em residências localizadas no perímetro da aldeia. A quantidade de questionários aplicados abarca cerca de 45% dos agregados residentes na freguesia (segundo os dados do Recenseamento Geral da População de 2001). Tendo por base a informação levantada, conseguiram-se caracterizar 370 pessoas, que compõem os agregados familiares contemplados. Este número representa cerca de 42% das pessoas que residiam em Albernoa em 2001 (890, segundo o mesmo recenseamento).

4 Alguns estudos relativamente recentes sobre a realidade social e económica de Portugal, dos anos 30 aos anos 50, ainda vinculam esta perspectiva dualista, cf. Baptista (1993), Rosas e outros (1994).

5 Para a análise das desigualdades sociais no meio rural nortenho ver as obras de O'Neill (1984) e de Karin Wall (1998) que estudaram a evolução do sistema de estratificação social em duas aldeias transmontanas e em duas aldeias minhotas (respectivamente). Ambos salientam a importância, por vezes descurada, que a classe dos jornaleiros teve na estrutura social destas aldeias até meados dos anos 60.

6 Entre estes dois estratos alguns autores identificaram uma classe intermédia que, segundo Cutileiro (1977), é composta essencialmente pelos seareiros (pequenos agricultores que exerciam a actividade agrícola em modalidade de parceria).

1974 pode caracterizar-se a partir de duas ideias fortes, apresentadas por dois autores que estudaram pormenorizadamente a região: Orlando Ribeiro e Afonso de Barros.

O geógrafo no seu livro mais conhecido, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, apresenta uma imagem do povoamento concentrado do Alentejo onde “as aldeias foram crescendo, ávidas de terra, afogadas no latifúndio, servindo-o com a sua população de ganhões ou trabalhadores assalariados, que se conta por milhares” (Ribeiro, 1998: 96). Em termos espaciais as aldeias podiam ser circundadas por pequenas hortas (designadas por courelas e ferragiais) mas, de uma forma geral, pode dizer-se que a área da grande propriedade começava assim que acabava o espaço da aldeia.

A outra imagem define o *latifundismo*⁷ como um sistema fortemente hegemónico que não proporcionava alternativas socioeconómicas para a maior parte da população. No entender de Afonso de Barros este caracterizava-se como um “(...) sistema de agricultura fortemente concentrado, de base salarial e de carácter extensivo que se conjugava com a ausência de alternativas fora da agricultura de uma população desprovida de terra ou dispondo de terra insuficiente” (1986: 181). Aliada a esta hegemonia do sector agrícola, tornava-se também “(...) manifesta a predominância do assalariamento enquanto estatuto ocupacional da população” (Barros, 1986: 206).

Os homens e parte das mulheres que viviam nas aldeias trabalhavam nas herdades próximas e envolventes do espaço da aldeia. O trabalho agrícola não era permanente para a maior parte dos aldeãos, havendo momentos de grande intensidade laboral (as ceifas, as mondas) e largos meses de inactividade e de desemprego, durante os quais não existiam quaisquer modalidades alternativas de trabalho.

Como bem identificou Afonso de Barros, na década de 1970 Albernoa participava deste sistema tradicional, no qual os residentes tendiam a viver e a trabalhar na área limítrofe da freguesia. Para além dos percursos pendulares que determinavam o trabalho agrícola, a mobilidade espacial da população era praticamente nula (poucos eram aqueles que exerciam uma actividade regular na cidade de Beja). Este quadro manteve-se quase intacto até aos primeiros meses de 1974. O único elemento de mudança, face à realidade das décadas anteriores, relaciona-se com o aumento exponencial dos fluxos (e)migratórios que provocaram um despovoamento contínuo da freguesia.

No anos imediatamente posteriores a 1974, a Reforma Agrária desenrolou-se de forma complexa e atribulada, representando uma mudança profunda que abateu os alicerces do latifundismo, levando, nomeadamente, à destituição dos mecanismos coercivos do poder económico, social e simbólico, exercidos pela classe dos grandes proprietários agrícolas.⁸

Antes de focarmos a amplitude das mudanças sociais ocorridas em Albernoa ao longo das décadas de 1980 e de 1990, iremos enquadrar a temática das diferenciações

7 Conceito utilizado por Barros (1986), Alier (1968) e Sevilla-Guzman (1980).

8 Cf. Barros (1979) e Barreto (1987).

de género na literatura sociológica e antropológica, de modo a caracterizarmos, num primeiro momento, a forma como se distinguiam os papéis sexuais na sociedade rural tradicional e, posteriormente, entender como estes evoluíram nos diversos espaços rurais que sofreram processos de modernização.

As análises sobre as relações de género na sociedade tradicional tendem a distinguir “o mundo dos homens” e “o mundo das mulheres” através dos modos de apropriação do espaço. A mulher centrava parte importante a sua actividade em torno do espaço doméstico, enquanto o homem trabalhava e sociabilizava no exterior com maior frequência.⁹ Existia uma forte divisão de papéis que se manifestava nos diferentes modos de viver a espacialidade da aldeia. Estes resultavam, em grande medida, da aplicação e da contínua reconstrução de um código de *honra-vergonha*, que na maior parte das sociedades rurais tradicionais, principalmente em zonas mediterrâneas,¹⁰ “(...) tem representado uma forma de dominação dos grupos sociais mais providos e, em especial, dos homens desses grupos sobre as respectivas mulheres” (Silva, 2003: 69). Assim, “(...) o conceito de honra pressupõe não só a posse de bens a defender como de atributos, valores e virtudes. (...) Correlativamente um homem [e uma mulher] terá ou deverá ter vergonha, senão se comportar de acordo com os códigos culturais e morais estabelecidos (...)” (Silva, 2003: 68).

A diferenciação social e espacial nas relações conjugais é identificada pelos poucos autores que estudaram a sociedade tradicional alentejana. No princípio do século XX Silva Picão refere que “geralmente, a mulher governa em absoluto a casa. O marido ganha; a mulher administra” (1983: 163). Esta ideia é reforçada no estudo de Cutileiro, realizado nos finais dos anos 60: “(...) o homem pouco sabe dos assuntos do lar — são a esfera da acção da mulher, em que o homem não exerce qualquer referência” (1977: 134). Como refere o mesmo autor, “a tradicional divisão de papéis entre o casal deixa as tarefas domésticas a cargo da mulher” (Cutileiro, 1977: 137). No entanto, a mulher detinha o poder de controlar o orçamento familiar, cabendo-lhe aplicar do melhor modo o dinheiro ganho pelo homem.

Era a mulher que se dedicava em absoluto à socialização e educação dos filhos. O homem pouco se responsabilizava por essas tarefas porque normalmente estava ausente.

Ao marido cabia a responsabilidade de sustentar a família sem necessitar que a mulher tivesse de trabalhar fora do lar. Numa aldeia tradicional o homem que não conseguisse alimentar a família era visto com desconfiança e estigmatizado pela maior parte da comunidade. O excessivo consumo de álcool e o convívio continuado na taberna eram tolerados por parte das mulheres, desde que o homem não pusesse em risco a sua capacidade de ganhar dinheiro suficiente para que a família não se tornasse indigente.

9 Isto não quer dizer que a mulher alentejana não trabalhava na agricultura como jornaleira (nas mondas, nas ceifas, na apanha da azeitona...). No entanto, podemos afirmar que no caso das mulheres o trabalho agrícola era tendencialmente mais irregular do que no dos homens.

10 Cf. Pitt-Rivers (1971).

As tabernas eram espaços basicamente masculinos, nos quais a mulher não entrava com o intuito de sociabilizar. A entrada da mulher neste espaço interdito era sempre vista como uma interferência no “mundo dos homens”. Normalmente vinha “buscar” o marido para casa, como se o resgatasse de um espaço exterior ao seu.

A quase totalidade dos casais era originária da mesma aldeia ou de aldeias vizinhas. Existia uma forte proximidade espacial entre as famílias de cada cônjuge, o que contribuía para a reprodução das relações de interconhecimento e de controlo social.

Contudo, eram as mulheres que dominavam a maior parte das relações de vizinhança, essencialmente relações femininas. Como diz Cutileiro, “na maior parte das casas dos trabalhadores rurais a porta para a rua dá acesso directamente à cozinha, que deixa as mulheres da casa em íntimo contacto com o mundo exterior” (1977: 141). As vizinhas eram vigilantes do comportamento umas das outras, sendo algumas delas vítimas das suas próprias redes de informação. O controlo social na aldeia costumava ser determinado pelas mulheres, mas eram elas o alvo primordial desse mesmo controlo.

As relações de conjugalidade tendiam a ser permanentemente vigiadas, sobretudo o comportamento da mulher. Por exemplo, a situação de adultério feminina era alvo de uma forte discriminação por parte da comunidade, que podia exercer fortes punições (sociais e psicológicas) sobre a mulher, enquanto que ao homem não só se tolerava o adultério como em certa medida se considerava natural, sobretudo entre pares.

O homem andava por fora e o que fazia por lá (nos montes e nas herdades, que por vezes distavam da aldeia) não dizia respeito à mulher, nem ela tinha condições de saber. Por seu turno, a mulher ficava em casa, sendo alvo de atenção dos restantes “postigos” da aldeia.

A distinção entre os papéis sexuais a partir da relação entre exterior e interior é um elemento preponderante na maior parte dos estudos sobre os modos de vida rurais, independentemente do contexto regional e cultural. Como refere Pina-Cabral relativamente a uma comunidade situada no Alto Minho, “as mulheres ocupam-se principalmente do governo da casa e os homens dedicam uma maior fatia do seu tempo às actividades exteriores, por exemplo, tarefas burocráticas e trabalhos assalariados” (Pina-Cabral, 1989: 110). A este respeito José Sobral salienta que na freguesia beirã “a mulher tem os seus espaços próprios no lar e na agricultura doméstica” e que “os homens, geralmente, pouco fazem em casa” (Sobral, 1999: 224). Espírito Santo, no estudo realizado sobre uma comunidade localizada a Norte do Tejo, refere que “a educação das crianças, pelo menos até aos quinze anos, é uma tarefa maternal. Trabalhando com ela nos campos ou em volta da casa (...). No domínio da economia familiar a mulher decide dum grande número de questões” (Santo, 1999: 98).

Como vemos, a distinção entre os papéis sexuais é caracterizada de forma muito semelhante, recorrendo-se principalmente à separação espacial como elemento demarcador entre a posição mais pública, por parte do homem, e uma tendência para o recato doméstico, no caso da mulher. Neste sentido, podemos dizer que, em relação a este aspecto, o quadro descrito pelos autores que estudaram a

sociedade latifundiária não difere muito das análises empreendidas em zonas de agricultura familiar de cariz minifundiário.

Na verdade, se face a um conjunto de elementos estruturais — sociais, fundiários, agrícolas e familiares — se constituiu uma oposição clara, na sociedade tradicional portuguesa, entre as comunidades camponesas do Norte e o sistema latifundista dominante na zona mediterrânica (Ribeiro, 1998), já em relação aos papéis conjugais tradicionais parece poder estabelecer-se uma certa continuidade formal ao nível das práticas sociais e espaciais.

É, sem dúvida, uma continuidade essencialmente formal, na medida em que ao nível do conteúdo os modos de vida eram sensivelmente distintos.¹¹ Assim, no caso da sociedade tradicional alentejana o espaço exterior do homem era claramente vincado pelo trabalho assalariado fora da aldeia e por relações de sociabilidade mais públicas, enquanto o espaço doméstico da mulher circunscrevia-se normalmente ao limite do lar (à excepção das alturas em que esta também trabalhava no campo). Em contrapartida, nas famílias camponesas tradicionais das zonas de minifúndio o espaço interior dominado pela mulher tendia a ser mais alargado, estendendo-se a algumas actividades desenvolvidas na exploração agrícola familiar. Por seu turno, a demarcação exterior não era tão acentuada no caso dos homens camponeses, pois esta manifestava-se, sobretudo, na maior intensidade de actividades agrícolas e no domínio das relações mercantis, burocráticas e também de sociabilidade.

Os processos de emigração,¹² por um lado, e de industrialização e/ou de urbanização,¹³ por outro, ocorridos com maior ou menor intensidade, ao longo destas últimas duas décadas, nas diversas zonas do país, provocaram uma alteração na repartição tradicional dos papéis sexuais. Estas mudanças foram estudadas mais pormenorizadamente nas zonas de pequena propriedade, onde se geraram formas complexas de pluriactividade no seio da família. Estes estudos incidiram, sobretudo, em comunidades situadas na proximidade de zonas que sofreram processos de industrialização difusa e de urbanização.¹⁴

Segundo Nelson Lourenço, o desenvolvimento de formas de pluriactividade no conjunto da força de trabalho familiar teve como consequência o aumento da participação da mulher nas lides agrícolas, sendo esta que “(...) assume um papel preponderante no conjunto da produção agrícola, substituindo o marido no dia-a-dia do amanho das terras” (1991: 85). O homem tende assim a exercer uma actividade como assalariado na indústria, deixando à mulher a responsabilidade de assegurar um conjunto de tarefas que tradicionalmente eram exercidas pelo elemento masculino do casal.

11 Aliás os próprios modelos de análise tendem a acentuar os significados dessa diferenciação, quando, no caso das zonas camponesas, se sublinha o pendor da agricultura familiar e, nas regiões latifundiárias, se tende a enfatizar o domínio do trabalho assalariado em detrimento de outras formas de agricultura familiar.

12 Cf. Esteves e outros (1991), e Garcia e outros (1998).

13 Cf. Ferrão (1996), e Gaspar e outros (1987).

14 Cf. Almeida (1999), Lourenço (1991), Gama (1987), Hespanha (1994), Pinto (1985).

No entanto, este (...) papel progressivamente mais importante da mulher, no conjunto da força de trabalho agrícola, não parece contribuir para uma alteração do seu lugar no interior da unidade familiar agrícola". A mulher continua assim a assumir (...) a responsabilidade das funções domésticas e dos trabalhos agrícolas relacionadas com o autoconsumo (...). Ao homem são atribuídas funções relacionadas com o exterior da casa e os trabalhos agrícolas que têm maior componente de mercado" (Lourenço, 1991: 87). No entender deste autor, o carácter unitário da exploração agrícola continua a assentar numa desigual atribuição de funções: "embora a mulher esteja activamente implicada no processo produtivo, a função socialmente dominante que lhe é atribuída, corresponde ao desempenho do papel expressivo, orientado para a socialização dos filhos e para o interior da família, enquanto ao homem é atribuído um papel instrumental, vocacionado para a produção e representação exterior do grupo doméstico e da exploração agrícola" (Lourenço, 1991: 89).

Estas mudanças também são referidas por autores que estudaram comunidades localizadas em zonas mais interiores, nas quais a saída do homem por motivos de emigração ou de trabalho assalariado reforçou o papel da mulher no controlo, físico e administrativo, da exploração agrícola. No entender de Pina-Cabral, referindo-se à comunidade camponesa do Alto Minho, "quando os maridos estão ausentes durante largos períodos de tempo no estrangeiro ou quando estão empregados de dia no sector não agrícola da economia, são as mulheres que desempenham a maioria das tarefas agrícolas ou burocráticas" (1989: 110).

Nesta linha, José Sobral observa que na comunidade beirão "o facto de caber ao homem, no âmbito do grupo familiar, o papel de provedor de recursos externos explica, pelo menos parcialmente, o abandono do assalariamento rural permanente por parte da maioria das mulheres que por ele passaram durante a adolescência. O casamento representa para a maioria das jovens locais um retraimento no espaço doméstico. As que foram assalariadas passam a dedicar-se aos trabalhos da casa e da sua pequena agricultura, apenas participando nas grandes tarefas agrícolas sazonais" (1999: 222). Neste sentido, mesmo as mulheres que exerciam uma actividade assalariada — o que representava, necessariamente, uma maior exposição face ao exterior — voltam, depois de casar, a assumir um papel mais confinado ao espaço doméstico.

Como podemos depreender por intermédio destes estudos, os processos de modernização que se desenvolveram nas cidades e em certas zonas de industrialização difusa provocaram nas áreas rurais circundantes novas modalidades de divisão do trabalho familiar, que passam, essencialmente, pelo assalariamento do homem em localidades exteriores à aldeia e pelo o reforço do trabalho feminino em torno do espaço doméstico e da exploração agrícola. Em suma, pode depreender-se por intermédio destes estudos que nas zonas de pequena agricultura a dualidade interior-exterior mantém-se enquanto elemento central de diferenciação dos papéis sexuais no seio do casal.

Mudanças estruturais em Albernoa

Neste ponto iremos apresentar os traços fundamentais que caracterizam as mudanças ocorridas nas estruturas sociais de Albernoa, de forma a se ter uma percepção de como essas alterações irão provocar uma reconfiguração dos modos de vida, nomeadamente, no que diz respeito aos papéis e às relações de género.

Passados trinta anos sobre o estudo de Afonso de Barros, regressámos a Albernoa e observámos profundas alterações estruturais que definiremos de forma sucinta. O aspecto mais óbvio tem que ver com o progressivo envelhecimento (actualmente 36% dos residentes têm mais de 65 anos) e despovoamento da freguesia, que desde 1940 perdeu cerca de 75% da sua população.¹⁵

Um outro factor de mudança refere-se ao contínuo desmantelamento funcional da freguesia, na medida em que, tirando três cafés e outras tantas mercearias (para além do lar de idosos e da escola do 1.º ciclo e infantário), a aldeia perdeu um conjunto de serviços, nomeadamente, médico permanente, farmácia, comércio diversificado, alguma indústria, um posto da GNR...

O desaparecimento, quase por completo, do trabalho agrícola na população activa de Albernoa representa uma das mudanças mais salientes ocorridas nestas últimas três décadas. Segundo o estudo de Afonso de Barros, em 1974 cerca de 61% dos activos eram trabalhadores agrícolas assalariados, esta percentagem decresce estrondosamente de tal modo que o recenseamento de 1991 só contabiliza 10% de indivíduos pertencentes a esta classe (em 2001 diminui para 6%).¹⁶

Esta profunda alteração na estrutura ocupacional tem por base dois processos fundamentais: por um lado, a modernização e a mecanização da agricultura, que tornou prescindível a maior parte do trabalho assalariado, por outro lado, o facto de a maioria da população não possuir propriedade agrícola inviabilizou a prática generalizada da agricultura familiar e a articulação com outras actividades não agrícolas (situação que é dominante em algumas zonas de minifúndio).

Estes dois factores conjugados resgataram, quase por completo, a população do exercício da actividade agrícola. Actualmente a vida activa é estruturada por um fenómeno que constitui a outra grande mudança estrutural: o aumento exponencial da mobilidade espacial. A procura de trabalho não agrícola fora do espaço aldeão e as necessidades de consumo, que advêm da adesão aos novos modos de vida urbanos, são os factores preponderantes que contribuem para o aumento das deslocações pendulares estabelecidas entre a aldeia e a cidade de Beja.

Actualmente a maior parte da população activa trabalha fora da freguesia, segundo os dados do inquérito aplicado em 2003, a proporção de pessoas a exercer uma actividade exterior é de 58%. Cerca de sensivelmente um terço dos activos trabalham na cidade de Beja e 26% noutras localidades.

Por outro lado, a regularidade de deslocações a Beja, determinadas por razões de consumo e/ou de procura de determinados serviços, é relativamente

15 Fonte: Recenseamentos Gerais da População de 1940 a 2001.

16 Estes valores são comprovados pelo inquérito que aplicámos em 2003.

intensa: 57% dos inquiridos deslocam-se com alguma regularidade (pelo menos algumas vezes por mês) aos supermercados de Beja, nos quais fazem grande parte das compras para a casa; com a mesma regularidade, cerca de 48% frequentam os bancos, 48% as farmácias e 44% o centro de saúde.

Os números apresentados demonstram que o processo de desmantelamento da aldeia é contemporâneo da intensificação dos níveis de urbanização e de dinamização socioeconómica (principalmente ao nível do terciário) verificados na cidade de Beja. Na verdade, esta oferece uma diversidade de serviços, que não se encontram na maior parte das freguesias rurais e, por isso, atraem um conjunto cada vez mais alargado de pessoas residentes nas aldeias.

Estas mudanças profundas representam uma efectiva *ruptura* em relação ao sistema tradicional, designado de *latifundismo* por Afonso de Barros. Neste sistema a aldeia encontrava-se relativamente fechada à cidade e imune à vida urbana. As pessoas residiam na aldeia e trabalhavam nas explorações agrícolas das redondezas e poucos eram aqueles que se deslocavam regularmente à cidade. Em contrapartida, constituía-se uma forte interdependência entre a aldeia e os campos, na medida em que não só grande parte dos trabalhadores agrícolas eram recrutados na aldeia, como o próprio sistema latifundiário dependia do trabalho assalariado para manter os seus mecanismos de exploração e de opressão.

Este sistema definiu totalmente e foi substituído por um outro que se pode caracterizar de forma inversa do anterior. Isto é, actualmente a aldeia tende a abrir-se à cidade — tornando-se cada vez mais dependente desta, em termos socioeconómicos e culturais — e a fechar-se aos campos, pelo facto de estes já não necessitarem de mão-de-obra assalariada em tão larga escala como antigamente.

Os fenómenos de mudança que descrevemos brevemente podem ser definidos a partir da definição de dois processos interdependentes que coexistem em Albernoa: a *marginalização* e a *suburbanização*. O primeiro caracteriza os mecanismos de desmantelamento, ocorridos nestas últimas três décadas, na estrutura socioeconómica e demográfica da aldeia, que se reflectem principalmente no envelhecimento da população e no despovoamento da freguesia. O segundo identifica os aspectos relacionados com a intensificação da mobilidade espacial para a cidade de Beja, e a tendência para a função residencial se tornar dominante na aldeia. Neste sentido, podemos dizer que a freguesia não só se desertifica, como tende a transformar-se num dormitório da cidade.

Como vemos, a aldeia sofreu um conjunto de alterações profundas, transformando-se num espaço mais complexo no qual confluem processos distintos e contraditórios. De facto, apesar do contínuo envelhecimento, desenvolvem-se dinâmicas de cariz urbano que se manifestam não só na estrutura ocupacional, como nos modos de vida aldeãos.

Os fenómenos de mudança descritos não resolveram parte dos problemas sociais identificados por Afonso de Barros. Na verdade, embora se tenha assistido a uma melhoria significativa das condições de vida e de acesso a um conjunto cada vez mais diversificado de bens e de serviços, detectam-se alguns factores de precariedade que não desapareceram. A questão do desemprego continua a afectar parte considerável da população activa (16%), que encontra sérias dificuldades em

ingressar no mercado de trabalho da economia formal. Por outro lado, a maioria dos activos exerce profissões pouco qualificadas, ligadas principalmente ao trabalho assalariado na construção civil, no caso dos homens, e aos serviços de limpeza e/ou de apoio social, no caso das mulheres.

Um outro factor de precariedade relaciona-se com os baixos níveis de pluriactividade e de plurirrendimento, que noutras comunidades rurais, nomeadamente nas zonas de agricultura familiar em minifúndio, assumem um papel importante e complementar para o equilíbrio e sustentabilidade da economia doméstica.¹⁷

Este quadro leva-nos a afirmar que um dos problemas centrais da situação socioeconómica de Albernoa tem que ver com a excessiva dependência em relação à cidade de Beja, na medida em que a urbanização penetrou de forma avassaladora no espaço aldeão, destituindo radicalmente as estruturas tradicionais. De tal modo que a aldeia se encontra cada vez mais desligada da agricultura e da actividade desenvolvida nos campos envolventes.

Neste sentido, a imagem da aldeia “afogada no latifúndio”, utilizada por Orlando Ribeiro para caracterizar a sociedade tradicional alentejana, reemerge com outro significado. Pois, se nesses tempos eram as grandes herdades que atrofiavam a vida social e económica da aldeia, actualmente, é a cidade que se impõe provocando um rompimento face ao “mundo agrário”. A aldeia continua assim afogada no latifúndio, mas com uma diferença substancial: tornou-se alheada e separada da actividade agrícola desenvolvida nos campos que a circundam.

Divisão dos papéis sexuais na relação com o exterior

Os processos de mudança observados nos últimos trinta anos em Albernoa tiveram como consequência o aumento da mobilidade espacial que se expressa, entre outros factores, na procura de emprego fora do perímetro da freguesia. A “conquista do exterior” caracteriza-se essencialmente por dois fenómenos: a procura de trabalho fora de Albernoa por parte substancial da população activa; a necessidade de uma deslocação regular a espaços mais urbanos como forma de colmatar necessidades de consumo e de carácter burocrático e/ou lúdico.

Estas tendências afectaram não só os homens, como também as mulheres. De facto, o aumento considerável da taxa de actividade não se teria verificado na freguesia se não fosse a saída da mulher, nomeadamente para a cidade de Beja, ao encontro de trabalho oferecido principalmente pelo sector terciário. Por outro lado, o desmantelamento funcional da aldeia, que perdeu alguns serviços, e o crescimento exponencial da oferta de bens e de serviços de consumo, aliado a uma crescente necessidade de integrar novos estilos de vida, provocaram uma intensificação nas deslocações pendulares a Beja por parte dos habitantes da aldeia (que é facilitada pelo incremento das ligações rodoviárias à cidade por transporte público¹⁸ e pela generalização do automóvel particular).

17 Cf. Almeida (1999), Lourenço (1991), Sobral (1999), Silva (1998).

Contudo, apesar de se ter assistido a uma maior utilização e frequência do espaço da cidade por parte da mulher, estas tendem a ser menos intensas e integram modalidades diferentes das que são desenvolvidas pelo homem. Isto é, a “conquista do exterior” não se dá uniformemente, pelo contrário, ela contribuiu para a reconfiguração de novas formas de divisão dos papéis sexuais.

De uma forma sintética podemos referir quais as mudanças mais relevantes face ao modelo tradicional de divisão dos papéis sexuais. O primeiro aspecto a considerar diz respeito à intensificação das práticas e dos contactos sociais com a cidade, tanto para os homens como para as mulheres. O que significa, no caso destas últimas, uma efectiva emancipação em relação à sociedade tradicional, na qual a mulher se confinava ao espaço doméstico e a alguns lugares da aldeia, ou nas herdades circundantes (durante a altura em que trabalhava na agricultura).

O segundo aspecto, determinado pela maior exteriorização das práticas sociais, tem a ver com a reconfiguração dos papéis sexuais. A administração da economia doméstica deixou de ser dominada pela mulher, tendendo, actualmente, o homem a controlar as questões financeiras e a assumir um maior protagonismo no consumo doméstico.

Por outro lado, identificam-se algumas continuidades, nomeadamente no que diz respeito às relações de sociabilidade em contextos mais públicos, que tendem a ser praticadas principalmente pelos homens. Estes convivem mais na cidade: vão mais vezes a bares e a discotecas e almoçam ou jantam fora com mais regularidade.

Por fim, é importante ressaltar um aspecto, que é o mais importante e diz respeito às contradições encontradas entre as diferentes versões de ambos os sexos relativamente às mesmas práticas sociais. Isto é, deixou de haver uma certa unanimidade não só sobre o modo como os papéis são praticados, mas, inclusivamente, sobre a forma como estes são interpretados por cada um dos elementos do casal. Neste sentido, as relações e as divisões de género são mais complexas e, por isso, menos óbvias, sendo vividas no dia-a-dia como um processo de negociação permanente condicionado pelas contingências e imprevistos da vida moderna.

Se estabelecermos um paralelo em relação às mudanças ocorridas em zonas de agricultura familiar, nas quais se desenvolvem intensas modalidades de pluriactividade, podemos concluir que, ao contrário do que se verificou na maior parte dessas comunidades, na aldeia alentejana que temos vindo a estudar a mulher activa parece ter-se autonomizado face ao constrangimento espacial que a impossibilitava de desenvolver uma vida social em contextos exteriores à freguesia. A suburbanização não só facilitou a entrada da mulher no mercado de trabalho da cidade, como permitiu que esta assumisse um papel imprescindível nas práticas de carácter funcional e utilitário com o exterior — papel que normalmente é exercido pelo homem nas zonas de agricultura familiar pluriactiva.

18 Neste momento existem, durante os dias úteis, três ligações de manhã (às 7.00h, às 8.30h e às 9.00h) e outras três na parte da tarde (às 16.30h, às 17.40h e às 19.00h). Ao fim-de-semana existe um táxi colectivo, que no sábado sai às 8.25h e regressa às 13.45h e no domingo sai às 14.00h e volta às 18.00h.

A aldeia como espaço de constrangimento

Se a abertura ao exterior possibilitou uma maior diversidade das práticas sociais, tanto no caso do homem como, principalmente, no da mulher, o mesmo não se pode depreender relativamente às relações que são estabelecidas no interior da aldeia. Os dados do inquérito aplicado e os testemunhos retirados das entrevistas indicam que, apesar das novas modalidades de interacção, o espaço da aldeia continua a ser desigualmente apropriado em função dos papéis sexuais.

Ao contrário do que sucedeu com a abertura ao exterior, as práticas sociais na aldeia não se diversificaram muito em relação à sociedade tradicional. Os contextos nos quais se desenvolvem a maior parte das interacções sociais continuam a ser relativamente limitados: o lar, a porta da casa, a rua, as mercearias e os cafés. Nos restantes espaços as interacções são mais fugazes e desenvolvem-se com maior grau de intermitência.

Nos espaços mais públicos, em que se estabelecem as relações de sociabilidade mais intensas, observámos diferentes formas de apropriação em função da distinção sexual. Assim, o homem continua a incorporar uma postura mais pública, que se expressa, antes de mais, numa visão exteriorizada e intensa das relações sociais: 75% dos homens consideram que conversam todos os dias com os vizinhos; em contrapartida, 57% das mulheres dizem conversar com a mesma regularidade. Isto é, de uma forma geral, os homens têm uma concepção mais pública das relações de sociabilidade na aldeia.

Tanto os homens como as mulheres sociabilizam intensamente na rua. No entanto, estas tendem a conversar mais à porta de casa e nas mercearias, enquanto o local de eleição dos homens é o café. De facto, a distinção sexual determinada por estes dois últimos espaços é relativamente consensual entre os cônjuges. Assim, 52% das mulheres referem conversar regularmente na mercearia, em detrimento de 16% dos homens que declaram fazer o mesmo. Estes valores são relativamente confirmados pela versão do inquirido sobre o respectivo cônjuge. O mesmo sucede em relação aos cafés, relativamente aos quais 70% dos homens dizem neles conversar frequentemente, enquanto só 21% das mulheres referem fazer o mesmo.

Estas tendências expressam-se claramente em relação ao tipo de práticas sociais quotidianas desenvolvidas no serão (depois do jantar). De todo o tipo de hábitos que questionámos, os que suscitam uma maior diferenciação entre géneros são os seguintes: falar ao telefone/telemóvel, conversar na rua e ir ao café. Estas práticas remetem para três níveis de espacialidade distintos. O primeiro remete para o lar, o segundo para um espaço intermédio entre a casa e a rua, e o terceiro para um espaço semipúblico.

De uma forma geral, a mulher tende a considerar que em casa fala mais ao telefone do que o homem (este apresenta uma prática mais esporádica). Curiosamente a mulher enfatiza a intensidade da conversa telefónica (em casa) em detrimento da conversa pública com os vizinhos, que, como vimos, é mais frequente para os homens. Neste sentido, podemos dizer que a postura das mulheres continua a ser mais delimitada pelo espaço doméstico.

Os outros dois níveis espaciais confirmam esta tendência. Os homens declaram conversar mais na rua (ao serão) do que as mulheres. Por seu turno, estas conversam mais no Verão do que no Inverno (os homens não estabelecem essa diferença). Esta dissonância deve-se, em princípio, ao diferente significado que ambos atribuem à “rua”. Para as mulheres a rua significa, essencialmente, um espaço quase contíguo à porta da casa, enquanto a concepção de rua para o homem tende a ser um espaço mais alargado, que ultrapassa a rua na qual se situa a casa. Daí que para as mulheres o homem tenda a estar menos presente nas conversas entre vizinhos, sobretudo entre vizinhas, que se desenrolam na rua para onde dá a casa, apesar de o marido poder encontrar-se num espaço exterior mais distante da casa (noutras ruas ou em cafés).

Como seria de esperar, ao serão os homens vão mais regularmente ao café do que as mulheres. Os cafés são os espaços que mais estabelecem uma diferenciação entre os papéis sexuais, à semelhança do que tradicionalmente acontecia com a taberna. Aliás, não é muito despropositado considerar que, na maior parte das aldeias alentejanas, o café não é mais do que uma evolução e uma modernização morfológica da taberna. Num estudo efectuado sobre uma aldeia situada no concelho de Vila Viçosa, Vale de Almeida refere que “em Pardais, verifica-se que a taberna desaparece, dando lugar a um espaço físico e de consumo diferente, o café, mas onde têm continuidade interações e funções directamente ligadas às que se associam à taberna e à tradição” (2000: 182).

Segundo o autor, “a diferença fundamental entre a antiga taberna e os actuais cafés reside em três aspectos. O primeiro tem que ver com a imagem física do local: o café é mais confortável, moderno e equipado; o segundo, com o tipo de consumo, ou seja, com a passagem do vinho para a cerveja; o terceiro com a frequência: de exclusivamente masculina para tendencialmente (e idealmente) masculina e feminina” (Almeida, 2000: 182).

No entanto, como o próprio autor indica, apesar destas transformações “(...) os cafés continuam a cumprir a função de taberna” (Almeida, 2000: 183), permanecendo um espaço ocupado principalmente por homens. As mulheres tendem a frequentar mais o café em relação ao que acontecia à taberna, mas normalmente vão “(...) nas horas mortas do horário masculino (depois do café pós-almoço dos homens, ou a meio da manhã, ou ainda aos domingos), e não é nele que convivem entre si” (2000: 183).

Em Albernoa não é difícil observar as mesmas tendências identificadas por Vale de Almeida na aldeia de Pardais. Os cafés são praticamente os únicos espaços de lazer vocacionados para o convívio. Com a excepção destes só a casa e a rua podem enquadrar formas mais ou menos intensas de convivialidade. Por não haver muito mais alternativas aos cafés, tal como noutros tempos às tabernas, estes constituem um elemento importante para a análise das sociabilidades e das relações de género. Das entrevistas que realizámos, a questão do café emerge nos testemunhos femininos como um espaço que pouco frequentam, apesar de reconhecerem que actualmente mais mulheres vão aos cafés. É curioso verificarmos que para mulheres de três gerações distintas o café é descrito como um espaço constrangedor que não pertence ao seu mundo e no qual, normalmente, não se sentem bem.

R — São tascas, é onde estão bêbados e isso para mim não é café.

P — Mas há agora uma pastelaria não é?

R — Olhe aquilo vai dar tudo ao mesmo, é só mesmo o nome.

P — Ai vai, pensava que era mais...

R — Aquilo era no início um bar, agora é só bêbados, a pastelaria é tal e qual e isso para mim.... O ambiente da aldeia é um bocado de crítica, eu não posso com essas coisas.

P — Crítica como?

R — As pessoas entram e ficam a criticar quem entrou e o que é que aquela diz e a outra diz e isso para mim não dá, café para mim é onde eu vou e me sinto bem, esteja com as pessoas, que não critiquem, que se estão marimbando para o que as pessoas estão a dizer, café para mim é isto. Às vezes as pessoas até comentam que eu nunca apareço no café, mas café vou eu todos os dias a qualquer hora, café mesmo, porque tabernas isso não me chama. Agora o meu convívio com as pessoas é muito reduzido porque a maior parte do tempo eu também passo fora.

[Empregada de comércio em Beja, 23 anos.]

R — Não, eu não costumo, mas aqui em Albernoa a maior parte das mulheres vão beber café, mas eu sou hipertensa não bebo café...

P — Quem diz café diz...

R — Podia beber um chá! Podia beber um sumo... mas isso eu faço, se tiver no Verão vou comprar um gelado, mas vou perceber? Não tenho paciência para estar sentada a uma mesa de café, não tenho, prefiro estar aqui ao pé das minhas vizinhas e falar com elas, até posso estar a dizer asneiras e “bravidades”, mas pronto...

[Jardineira da CMB, 51 anos.]

P — Mas é mais à pastelaria do que ao café, não é?

R — Agora vão à pastelaria que é nova, ainda não tem ano.

P — Então agora é o grande sucesso?

R — Agora é a pastelaria para as senhoras, eu por acaso já lá fui uma vez ou duas, mas não foi para... não levava tempo para isso. E é assim a vida de Albernoa.

[Reformada, 76 anos.]

As entrevistadas sublinham que actualmente a mulher vai mais ao café, situação que se deve, entre outras coisas, ao surgimento nos últimos três anos de dois estabelecimentos, mais modernos e confortáveis, que oferecem uma gama mais diversificada de produtos (bolos, chás, gelados...). No entanto, convém sublinhar que é nas camadas mais jovens que encontramos uma frequência mais regular em relação a este tipo de espaços.¹⁹

Estes dados parecem indicar uma alteração, por parte das gerações mais novas, em relação à conduta e ao significado atribuído ao café como um espaço essencialmente masculino, na medida em que as mulheres muitas vezes acompanham os maridos, mesmo à noite, para tomar o seu café. Por seu lado, são as mulheres

19 As pessoas com idade inferior a 36 anos tendem a ir mais vezes ao café.

mais velhas que continuam a atribuir uma conotação negativa a estes locais, criticando não só os homens, por se demorarem muito tempo por lá, mas também, e sobretudo, as mulheres mais novas que lá vão regularmente.

Contudo, independentemente desta alteração que vai permitindo uma maior abertura destes locais à entrada e permanência da mulher, verificamos que continua a haver uma forte distinção em função dos papéis sexuais, mesmo no caso dos jovens. Na verdade, quando contabilizamos as idas regulares depois do jantar, verificamos que 24% das mulheres com idade igual ou inferior a 35 anos dizem frequentar o café praticamente todos os serões, proporção que contrasta claramente com os escalões superiores, nos quais a prática regular ao serão é residual.

No entanto, em relação aos homens observamos que os mais jovens também frequentam muito mais intensamente o café relativamente aos mais idosos: 85% dos mais novos deslocam-se todos os serões, face à média de 40% declarada pelos indivíduos com idade intermédia. Por seu turno, nos homens com mais de 66 anos verifica-se um decréscimo brutal na frequência regular dos cafés (nenhum declarou ir praticamente todos os serões).

Estes valores indicam que, mesmo nas gerações mais novas, continua a existir alguma diferenciação em função do sexo, na medida em que, apesar de as mulheres entrarem mais regularmente nos cafés, os homens apresentam uma prática muito mais frequente que os seus pares e, provavelmente, mais prolongada, sobretudo à noite.

Tendo em conta os testemunhos das entrevistadas e os dados do inquérito, podemos dizer que, relativamente às vivências no espaço aldeão, detectamos uma certa tendência reprodutiva na distinção dos papéis sexuais, apesar das alterações identificadas nas práticas sociais dos mais jovens. Isto é, o homem continua a assumir uma postura mais pública, dando ênfase às relações de convivialidade, enquanto a mulher, embora atenua essa atitude mais expressiva e exteriorizada por parte do cônjuge, apresenta um conjunto de práticas mais direccionadas para a interioridade do lar e/ou do espaço contíguo à casa.

Deste modo, consideramos que se estabelece uma certa dissonância entre a relativa autonomização da mulher em espaços exteriores à aldeia, nomeadamente a cidade de Beja, e a manutenção de um certo constrangimento social face a determinados locais que compõem o espaço aldeão. Na verdade, na aldeia as distinções de género continuam a ser marcadas por uma apropriação diferenciada entre o exterior e o interior. O tempo da mulher vivido na aldeia é canalizado principalmente para o recato do lar, mesmo o tempo dedicado ao lazer e ao convívio.

Os seguintes extractos de entrevistas, realizadas a duas mulheres que trabalham em Beja, confirmam a tendência para estas passarem o tempo com as tarefas domésticas e/ou com o convívio entre vizinhas em torno do lar:

P — Como é que costuma passar aqui o tempo em Albernoa, quer dizer o tempo que não trabalha em Beja?

R — Acho que envelheci um bocado mais do que devia, porque eu não era assim. Agora por motivos de saúde e por isso envelheci um bocado. O que é que faço? A minha casa

dedico-me a ela os bocadinhos que tenho livres dedico-me a ela... olhe e converso com as minhas vizinhas, o que é que faço mais...

P — Do lado?

R — Do lado, a aldeia é tudo vizinhas! E o que é que eu faço mais? Alguns trabalhos tipo renda, tricot, bordados ou coisa assim...

[Jardineira da CMB, 51 anos.]

R — E aos domingos passa-se a ferro. Limpam-se as casas. Limpam-se as casas, agora com o tempo começando assim... começa o tempo bom, já dá tempo de a gente fazer as nossas coisinhas e cavacarmos umas com as outras, geralmente fazemos em casa da B. um chá, depois em casa de outra outro chá ao domingo, juntamos com os nossos chás, são os chás das quarentonas! Pois, o fim semana é para arrumar a casa...

[Empregada administrativa em Beja, 42 anos]

A conotação depreciativa de alguns espaços da aldeia pode coexistir com uma intensa mobilidade espacial e de sociabilidade em zonas mais urbanas. Esta relação é estabelecida, sobretudo, pelos mais jovens que estudam e/ou trabalham em Beja e que, em algumas noites, tendem a frequentar determinados espaços de lazer como é o caso das discotecas e dos bares. A este respeito é interessante citar uma jovem de 23 anos que trabalha em Beja e que tem um posicionamento muito crítico em relação aos cafés enquanto locais que suscitam um intenso controlo social:

(...) Não sei se você já ouviu falar um jovem, eu não sei se isso a si lhe diz alguma coisa, você gosta de ir a um sitio sentir-se bem e divertir-se e se chegar a um sítio²⁰ e estarem sempre a criticar, você ouve que não é surdo e não lhe agrada, pega nas pernas, pega no carro vai para uma discoteca, vai para Castro²¹, vai para Beja... ninguém lhe diz nada, ninguém está para chatear e ali não, é tudo na preocupação da vida das pessoas, não se preocupam com mais nada e acho que a população jovem está-se marimbando para isso, quer-se é divertir e estão a fugir nesse sentido, porque isso incomoda muito as pessoas e cada vez vai ser pior.

[Empregada de comércio em Beja, 23 anos]

Nesta citação o exterior é apresentado como uma zona de maior anonimato e, por isso, de uma certa libertação face ao constrangimento social exercido na aldeia, na qual as pessoas tendem a criticar os comportamentos e as atitudes dos mais jovens. O lazer é sobretudo vivido fora da aldeia e, por vezes, muito intensamente. No interior desta os poucos espaços de lazer são frequentados com cautela e com algum pudor.

20 Refere-se aos cafés da aldeia.

21 A entrevistada refere-se à vila de Castro Verde que se situa aproximadamente a 20 km de Albernoa (a Sul).

“Mundos paralelos”: a configuração do plano factorial

Por intermédio da análise factorial de correspondências múltiplas²² é possível construir um plano que sintetiza as várias tendências identificadas nos pontos anteriores. Para a determinação dos eixos factoriais utilizámos somente duas variáveis activas²³ (a idade e o género). Por seu turno, considerámos um conjunto de 46 variáveis ilustrativas que descrevem tanto o nível de mobilidade espacial estabelecido com o exterior (principalmente com a cidade de Beja), como a intensidade e o sentido das práticas de sociabilidade desenvolvidas no interior do espaço aldeão.

A leitura de um plano factorial obedece a três operações fundamentais: *conjunção* — revela o nível de atracção das modalidades que se encontram no mesmo pólo do eixo; *quadratura* — identifica as categorias que se localizam na zona central (zona de independência); *oposição* — mede o grau de repulsão entre as modalidades que se situam no extremo oposto do eixo. Cada factor apreende uma dada proporção de informação pertinente, sendo o primeiro eixo aquele que resgata sempre a percentagem mais elevada. No caso da nossa investigação os quatro primeiros factores absorvem a totalidade da informação disponível.²⁴

Seguidamente à leitura dos eixos considerados mais pertinentes para a temática em causa, apresentaremos o resultado de uma análise de classificação hierárquica em oito classes (*clusters*), que serão projectadas no próprio plano factorial.²⁵

Tendo por base a análise dos resultados, entendemos que o plano resultante do cruzamento entre o primeiro e o quarto factor é o que mais se adequa ao estudo das relações e dos papéis de género, e o que representa as polarizações mais pertinentes para a presente temática.

O primeiro factor (representado na horizontal do plano (ver figura 1) determina uma oposição clara entre, por um lado, o nível elevado de mobilidade face a um grau reduzido de mobilidade espacial e, por outro lado, entre os indivíduos que estabelecem um zoneamento do espaço aldeão direccionado sobretudo para espaços conotados com o “mundo” masculino (como os cafés), e outro conjunto de actores sociais que também definem um zoneamento no interior do espaço aldeão mas, neste caso, direccionado principalmente para espaços normalmente apropriados pelo sexo feminino (com destaque para as mercearias).

Como parece ser óbvio o eixo opõe precisamente os homens mais jovens (até aos 55 anos)²⁶ às mulheres, sobretudo as que têm mais de 66 anos.²⁷ Os primeiros

22 Trata-se de uma técnica de análise multivariada (realizada através do programa informático SPAD-N) que tem como principal interesse a possibilidade de representar num mesmo plano um conjunto de associações e de oposições entre as várias categorias que compõem as variáveis analisadas.

23 São as variáveis que contribuem para a configuração dos eixos.

24 27,6% para o primeiro factor, 25% para segundo e terceiro, e 22,4% para o quarto.

25 O princípio básico deste tipo de análise parte da maximização da proximidade estatística entre as diversas modalidades que formam uma classe. Cada classe constitui um grupo homogéneo de indivíduos caracterizado a partir das mesmas categorias, que, conseqüentemente, se distingue e se opõe a outros grupos definidos a partir de modalidades que detêm um sentido oposto.

26 Situados no pólo positivo do eixo factorial.

27 Pólo negativo.

tendem a desenvolver uma série de práticas não só mais frequentes, como mais diversificada em termos de deslocações à cidade de Beja (vão com alguma frequência comer fora, aos bancos, às finanças, e até ao cinema, embora com menor regularidade). Foram recentemente a Lisboa e pretendem regressar num horizonte temporal que não ultrapassará o ano civil. Para além disso, denotam deter algum tipo de capital social, na medida em que declaram ser sócios de, pelo menos, uma associação ou clube desportivo.

No que concerne ao espaço da aldeia, revelam uma frequência intensíssima do café (todas as noites), ao mesmo tempo que referem não frequentar as mercearias e o local do centro médico.

No pólo oposto, verifica-se que a mercearia e, com menos importância, o centro médico são os espaços de eleição das relações de sociabilidade das mulheres mais idosas, ao mesmo tempo que se assinala uma reduzida capacidade de deslocação e de uso de espaços mais urbanos.

O outro factor analisado (representado na vertical) é composto, no extremo positivo, pelos indivíduos que praticamente não se deslocam à cidade e que mantêm uma relação indiferenciada com a maior parte dos vizinhos: basicamente dão-se com todos e não fazem distinções. O espaço de sociabilidade mais frequentado é a rua, o que denota uma certa neutralidade relacional (ao contrário do que sucede com as situações caracterizadas anteriormente, onde os espaços referidos revelam um determinado sentido de apropriação). Os inquiridos que constituem este pólo são tendencialmente idosos e do sexo masculino.

Por sua vez, o lado oposto (negativo) define uma situação mediana de mobilidade espacial, associada a uma tendência para a selectividade das ligações sociais na aldeia (os inquiridos visitam e dão-se principalmente com amigos e familiares que residem na aldeia) e para uma certa descontextualização das relações (falam todas as noites ao telefone). São sobretudo mulheres com menos de 56 anos, que encaram a casa (sua ou de conhecidos) como o espaço primordial das relações que desenvolvem em Albernoa.

Através da análise de classificação hierárquica, seleccionámos oito perfis distintos²⁸ que, no fundo, caracterizam quatro posições diferenciadas para cada género. Como podemos observar (figura 1), para cada escalão etário distinguem-se dois perfis (um mais próximo dos indivíduos do sexo masculino e outro a aproximar-se mais do extremo ocupado pela população feminina). A projecção das classes no plano indica uma separação clara entre o “mundo” dos homens (composto pelas classes 1, 3, 5 e 7) e o “mundo” das mulheres (classes 2, 4, 6, e 8).

No que diz respeito aos homens, verifica-se que as classes 1 e 3 caracterizam os perfis definidos a partir dos maiores índices de mobilidade espacial (com destaque para a segunda, composta essencialmente pelos indivíduos mais jovens). É também nestas classes que encontramos os actores que mais frequentam os cafés. No entanto, divergem quanto à posse de bens de consumo (os inquiridos que se agregam em torno do primeiro perfil apresentam uma idade compreendida entre os 36 e os 55 anos têm

28 Ver descrição das classes no Anexo.

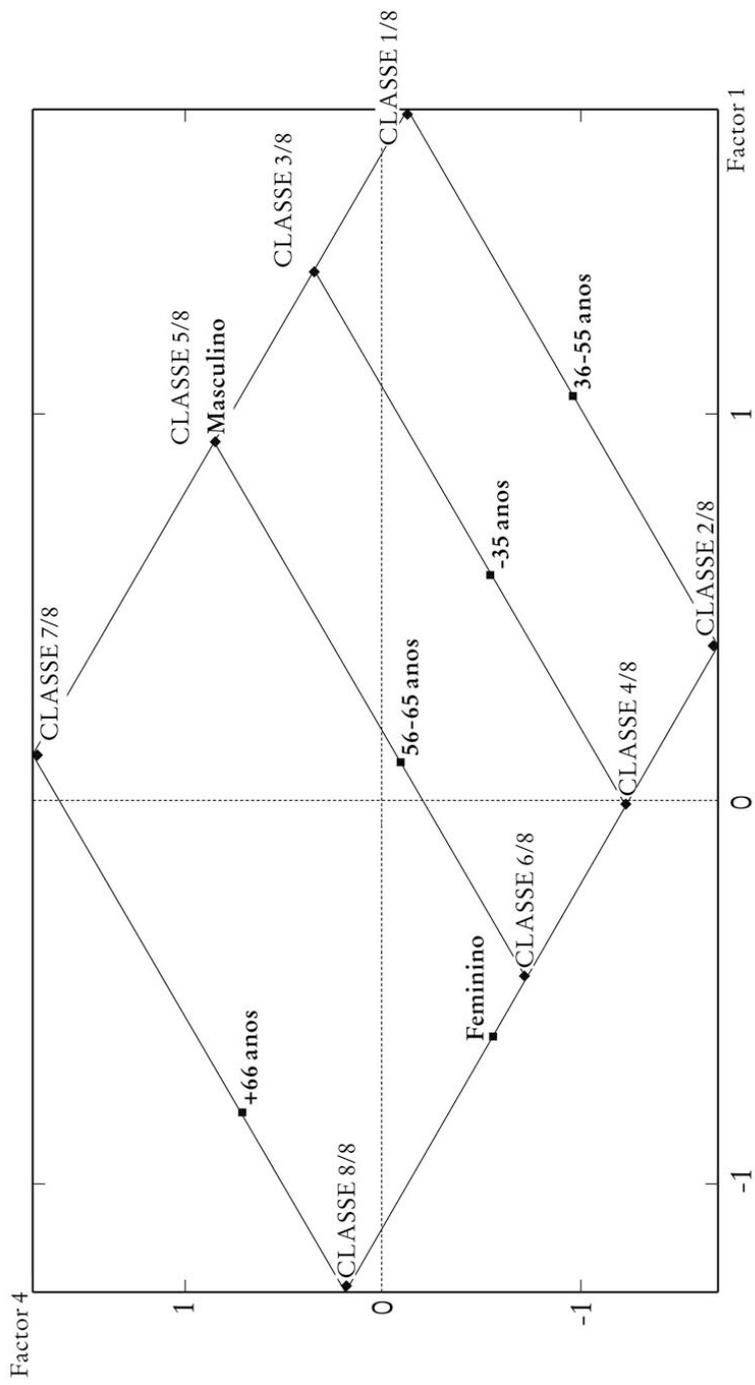


Figura 1 Plano resultante da análise factorial das correspondências e da classificação dos papéis e das relações de género estabelecidos em Alburnoa (realizado em SPAD-N)

em média maior poder de compra) e ao nível da capital social demonstrado, estes tendem a ser sócios de associações e referem a importância das redes de entajuda no seio da aldeia. As outras duas classes (5 e 7) caracterizam-se pelo reduzido nível de deslocações e por uma certa indiferenciação das relações sociais no seio da aldeia.

No caso das mulheres, constata-se, em termos gerais, uma menor diversidade das práticas de mobilidade e de sociabilidade quando comparadas com o respectivo escalão etário da população masculina (com excepção da última classe).²⁹ Por outro lado, confirma-se o facto de a postura dos homens ser tendencialmente mais pública. As mulheres tendem a confinar e a direccionar as suas relações para espaços específicos: a casa (da própria ou das vizinhas), para o caso das mulheres com idade compreendida entre os 36 e os 55 anos; as mercearias e, em menor escala, o centro médico, para as mulheres mais idosas.

A configuração das classes no plano (figura 1) ilustra muito bem o modo como se organizam as relações de género na comunidade aldeã. Como vemos, a representação gráfica apresenta duas paralelas que vão evoluindo de forma equidistante, à medida que aumenta a idade. São, na verdade, mundos paralelos que apesar de se alterarem conforme a geração, continuam, no entanto, a determinar uma separação bem vincada entre a vida quotidiana dos homens e a vida que levam as mulheres.

Conclusão

A aldeia de Albernoa sofreu ao longo destas últimas décadas um conjunto de mudanças profundas que implicaram, por um lado, a desestruturação e o definhamento do sistema tradicional, que tende a permanecer somente na memória dos mais idosos e, por outro, a emergência de factores de urbanização e de modernização que reformulam os modos de vida das pessoas em idade activa. Contudo, apesar destas alterações estruturais, não podemos dizer que todos os elementos tradicionais foram removidos da vida quotidiana. De facto, como demonstrámos, em certos aspectos os papéis e as relações de género reproduzem ainda determinadas práticas que comportam uma matriz relativamente tradicional.

A tradição não se esvanece absolutamente das práticas e das representações sociais dos actores que vivem o quotidiano na aldeia. Na verdade, ela inscreve-se no tempo e no espaço. Como salientou Anthony Giddens (2000), a tradição não é pura e simplesmente herdada do passado de forma mecânica e quase inconsciente. No entender do autor, a tradição implica que o passado seja continuamente reconstruído no presente. O *ritual* é um “meio prático” de assegurar a preservação da tradição por intermédio da repetição de modelos e de horizontes de acção relativamente fixos. Essa fixidez só é assegurada se se estabelecer em contextos locais determinados e estáveis. Isto é, a tradição tende a reclamar um espaço privilegiado.

29 Nas classes 7 e 8, que correspondem à população mais idosa, o nível e a diversidade da mobilidade espacial é tão reduzida para os homens como para as mulheres.

Por outro lado, Giddens refere que a persistência da tradição e a respectiva reconstrução no presente não seria possível se não existisse, por parte dos actores sociais, uma justificação discursiva das suas acções de cariz tradicional. Todos estes aspectos mencionados pelo autor se identificam nas práticas e nos discursos que justificam as diferentes relações de género desenvolvidas em Albernoa.

Assim, um primeiro factor a considerar em relação à recursividade de alguns elementos tradicionais diz respeito à própria composição espacial da aldeia. De facto, desde a segunda metade dos anos 70 a localidade assistiu a intensos movimentos e mudanças sociais, mas durante todo este período o espaço aldeão pouco se modificou e manteve, *grosso modo*, a sua configuração.³⁰ A estabilidade morfológica da aldeia contribuiu claramente para persistência de aspectos tradicionais que são reconstruídos no quotidiano.

A tendência para a suburbanização e o conseqüente aumento da mobilidade espacial significaram uma abertura da comunidade aldeã ao exterior, nomeadamente à cidade. Este fenómeno representou uma efectiva emancipação da mulher que, para além de deixar de estar confinada ao espaço aldeão, começou a exercer uma actividade profissional fora de Albernoa. No entanto, essa abertura ao exterior não significou uma alteração profunda no quotidiano vivido no interior da aldeia, na medida em que se observa um conjunto de relações que, até certo ponto, reproduzem os modos de vida tradicionais, nos quais a mulher tendia para o recato do lar e da zona contígua à rua, enquanto o homem apresentava uma postura mais pública, vivida fundamentalmente nos largos e nas tabernas.

Essa desigualdade ainda se mantém interiorizada na consciência discursiva dos actores sociais, sobretudo das mulheres, para as quais certos espaços, como os cafés, continuam a não fazer parte do seu mundo. Mesmo as mulheres que frequentam os cafés com alguma regularidade apresentam um certo pudor em assumi-lo publicamente. Assim, mais do que legitimar a não frequência desses espaços, as justificações discursivas contribuem sobretudo para legitimar o constrangimento em assumir que se frequenta os cafés: as mulheres que o assumem são relativamente mal vistas pelos seus pares. Deste modo, a justificação pessoal em relação aos cafés acaba por representar a assunção de uma crítica que é extensível à generalidade das mulheres. Ou seja, estamos perante formas de controlo social de cariz tradicional, nas quais as mulheres acabam por ser as maiores vigilantes e críticas de si próprias.

A persistência destes factores tradicionais não se deve somente à fixidez espacial da aldeia, mas também à permanência de certas modalidades de controlo social que derivam, entre outros aspectos, do forte interconhecimento pessoal que se desenrola na vivência diária. Por isso, sobretudo para os mais jovens, as zonas exteriores mais urbanizadas são encaradas como espaços de maior liberdade em que o relativo anonimato acaba por protegê-los em relação aos constrangimentos sociais que se estabelecem no interior do espaço aldeão.

30 Apesar dos melhoramentos verificados ao nível das infra-estruturas: água canalizada, electrificação, ruas alcatroadas.

Anexo Caracterização das modalidades que compõem as 8 classes

<i>CLASSE 1 / 8 (8,97%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	36-55 anos	6.53
Género	Masculino	4.60
Posse de objectos distintivos	Elevada	4.26
Categoria socioprofissional	Militares	3.94
Membro de associação ou clube	Sim	3.43
Próxima deslocação a Lisboa	Menos de 1 ano	3.43
Costuma ajudar os seus vizinhos	Muitas vezes	2.85
Costuma ir comer fora	Todos os dias	2.83
Frequência com que visita a casa de familiares/amigos no Inverno	De vez em quando	2.69
Frequência com que costuma ler	Todas as noites	2.56
Frequência com que visita a casa de familiares/amigos no Verão	De vez em quando	2.55
Costuma conversar no café	Sim	2.54
<i>CLASSE 2 / 8 (10,34%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	36-55 anos	7.16
Categoria socioprofissional	Empregada de limpeza e/ou de apoio social	4.55
Local de trabalho	Albernoa	3.57
Género	Feminino	3.40
<i>CLASSE 3 / 8 (8,97%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	Menos de 36 anos	6.36
Frequência com que vai aos cafés no Verão	Todas as noites	5.43
Frequência com que vai aos cafés no Inverno	Todas as noites	4.89
Género	Masculino	4.60
Costuma conversar no café	Sim	4.55
Posse de bens distintivos	Média	4.19
Costuma ir comer fora	Algumas vezes por mês	4.12
Categoria socioprofissional	Trab. manuais não agrícolas	4.04
Costuma ir ao cinema	Algumas vezes por mês	3.89
Quando ocorreu a última deslocação a Lisboa	Menos de 6 meses	3.05
Frequência com que conversa na rua no Inverno	Todas as noites	2.98
Frequência com que costuma ler	Algumas noites	2.98
Escolaridade	Ensino preparatório/unificado	2.90
Costuma conversar à porta de casa	Não	2.83
Costuma ir às Finanças	Algumas vezes por ano	2.51
<i>CLASSE 4 / 8 (11,72%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	Menos de 36 anos	7.56
Género	Feminino	3.71
Escolaridade	Ensino preparatório/unificado	3.21
Costuma fazer compras em supermercados	Alguns dias por semana	2.78
<i>CLASSE 5 / 8 (6,90%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	56-65 anos	5.77
Género	Masculino	3.88
Categoria socioprofissional	Empregadores	3.49
Costuma fazer compras em drogas	Algumas vezes por mês	2.53

<i>CLASSE 6 / 8 (10,34%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	56-65 anos	7.49
Género	Feminino	3.40
Categoria socioprofissional	Domésticas	3.15
Escolaridade	Primária	2.82
Costuma conversar no café	Não	2.69
<i>CLASSE 7 / 8 (14,48%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Género	Masculino	6.25
Idade	Mais de 65 anos	5.91
Local de trabalho	Não se aplica	4.16
Categoria socioprofissional	Assalariados agrícolas especializados	3.70
Costuma fazer compras em supermercados	Raramente	3.29
Escolaridade	Analfabeto	3.12
Frequência com que costuma ler	Raramente	3.00
Costuma fazer compras em drogas	Raramente	2.79
Costuma ir comer fora	Raramente	2.74
Costuma ir às Finanças	Raramente	2.73
Frequência com que vai aos cafés no Verão	Raramente	2.63
Costuma fazer compras em lojas de roupa	Raramente	2.60
<i>CLASSE 8 / 8 (28,28%)</i>		
Nome das variáveis	Modalidades	V. Teste
Idade	Mais de 65 anos	9.29
Posse de bens distintivos	Não tem	7.18
Género	Feminino	6.72
Local de trabalho	Não se aplica	6.54
Categoria socioprofissional	Assalariados agrícolas indiferenciados	6.35
Costuma conversar no café	Não	6.22
Costuma ir às Finanças	Raramente	5.60
Frequência com que vai aos cafés no Inverno	Raramente	5.38
Frequência com que vai aos cafés no Verão	Raramente	4.63
Costuma ir aos bancos	Raramente	4.63
Quando ocorreu a última deslocação a Lisboa	Mais de 3 anos	4.59
Escolaridade	Primária incompleta	4.53
Costuma conversar na mercearia	Sim	4.51
Costuma ir comer fora	Raramente	4.36
Costuma conversar no Centro Médico	Sim	4.32
Costuma ir à Farmácia	Raramente	4.13
Costuma fazer compras em lojas de roupa	Raramente	4.07
Costuma fazer compras em supermercados	Raramente	3.98
Costuma fazer compras em drogas	Raramente	3.97
Costuma visitar amigos e familiares	Raramente	3.78
Frequência com que costuma ler	Raramente	3.77
Escolaridade	Analfabeto	3.62
Próxima deslocação a Lisboa	Não sabe	3.37
Costuma ir ao cinema	Raramente	3.01
Membro de associação ou clube	Não	2.55

Referências bibliográficas

- Alier, Juan Martínéz (1968), *La Estabilidad del Latifundismo*, França, Ruedo Ibérico.
- Almeida, João Ferreira de (1999 [1986]), *Classes Sociais nos Campos*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, Miguel Vale de (2000), *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade* (2.^a ed.), Lisboa, Fim de Século.
- Baptista, Fernando Oliveira (1993), *A Política Agrária do Estado Novo*, Porto, Edições Afrontamento.
- Barreto, António (1987), *Anatomia de uma Revolução. A Reforma Agrária em Portugal 1974-1976*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Barros, Afonso de (1979), *A Reforma Agrária em Portugal. Das Ocupações de Terra à Formação das Novas Unidades de Produção*, Oeiras, Instituto Gulbenkian de Ciência.
- Barros, Afonso de (1986), *Do Latifundismo à Reforma Agrária. O Caso de uma Freguesia do Baixo Alentejo*, Oeiras, Instituto Gulbenkian de Ciência.
- Carmo, Renato Miguel do (2005), *Alentejo. Entre a Urbanização e a Marginalização* (tese de doutoramento), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Carmo, Renato Miguel do (2007), *De Aldeia a Subúrbio. Trinta Anos de uma Comunidade Alentejana*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Cutileiro, José (1977), *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Sá da Costa.
- Esteves, Maria do Céu, e outros (1991), *Portugal, País de Imigração*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Ferrão, João (1996), “Três décadas de consolidação do Portugal demográfico moderno”, em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*, Lisboa, ICS, pp. 165-190.
- Gama, António (1987), “Indústria e peri-urbanização”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 22, pp. 33-54.
- Garcia, José Luís, e outros (1998), *A Emigração Portuguesa. Uma Breve Apresentação*, Lisboa, Comunidades Portuguesas.
- Gaspar, Jorge, e outros (1987), *Ocupação e Organização do Espaço*, vol. I de *Portugal. Os Próximos 20 Anos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, Anthony (2000), “Viver numa sociedade pós-tradicional”, em Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash (orgs.), *Modernização Reflexiva*, Oeiras, Celta Editora, pp. 53-104.
- Hespanha, Pedro (1994), *Com os Pés na Terra*, Porto, Edições Afrontamento.
- Jenkins, Robin (1979), *Morte de uma Aldeia Portuguesa*, Lisboa, Querco.
- Lourenço, Nelson (1991), *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Fragmentos.
- O'Neill, Brian Juan (1984), *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros. Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana (1870 - 1976)*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Picão, João da Silva (1983 [1903]), *Através dos Campos. Usos e Costumes Agrícola-alentejanos*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Pina-Cabral, João de (1989), *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A Visão do Mundo Camponesa do Alto Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Pinto, José Madureira (1985), *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-ideológicas nos Campos. Elementos de Teoria e de Pesquisa Empírica*, Porto, Edições Afrontamento.
- Pitt-Rivers, Julian (1971), “Honra e posição social”, em J. G. Peristiany (org.), *Honra e Vergonha. Valores das Sociedades Mediterrânicas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 11-60.

- Ribeiro, Orlando (1998 [1945]), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 7.^a ed., Lisboa, Sá da Costa.
- Rosas, Fernando, e outros (1994), "Estado Novo", em José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. VII, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Santo, Moisés Espírito (1999), *Comunidade ao Norte do Tejo. Seguido de Vinte Anos Depois*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Sevilla-Guzman, Eduardo (1980), "Reflexiones teóricas sobre el concepto sociológico de latifúndio", em Afonso de Barros (org.), *A Agricultura Latifundiária na Península Ibérica*, Oeiras, Instituto Gulbenkian de Ciência, pp. 29-46.
- Silva, Manuel Carlos (1998), *Resistir e Adaptar-se. Constrangimento e Estratégias Camponesas no Noroeste de Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.
- Silva, Manuel Carlos (2003), "Honra-vergonha: código cultural mediterrânico ou forma de controlo de mulheres?", em José Portela e João Castro Caldas (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras, Celta Editora, pp. 67-86.
- Sobral, José Manuel (1999), *Trajectos. O Presente e o Passado na Vida de uma Freguesia da Beira*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Wall, Karin (1998), *Famílias no Campo. Passado e Presente em Duas Famílias do Baixo Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Renato Miguel do Carmo. Sociólogo, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. *E-mail*: rmcarmo@ics.ul.pt

Resumo/ Abstract/Résumé/Resumen

Género e espaço rural: o caso de uma aldeia alentejana

Este artigo descreve o modo como, ao longo das últimas três décadas, se modificaram os diferentes papéis de género numa comunidade aldeã localizada no Alentejo (Albernoa). Assim, num primeiro momento, caracterizaremos as principais mudanças relacionadas com o processo de urbanização, que tem afectado as estruturas sociais da aldeia. Posteriormente, verificaremos em que sentido essas alterações condicionaram o quotidiano vivido no espaço aldeão (tanto para os homens como para mulheres).

Palavras-chave género, rural, sociabilidade, Alentejo.

Gender and the rural environment: the case of a village in the Alentejo

This paper describes how the different gender roles have changed in a rural community over the last three decades. Firstly, our study analyses the main changes related to the modernization and urbanization of the social structures that have taken place in the southern Portuguese village of Albernoa (situated in the Alentejo

region). Secondly, we compare these changes with the alterations that have occurred in rural daily life, in particular in connection with social practices.

Key-words gender, rural, sociability, Alentejo.

Genre et espace rural: le cas d'un village de l'Alentejo

Cet article décrit comment les différents rôles de genre ont changé au sein d'un village situé en Alentejo (Albernoa), au long des trois dernières décennies. Dans un premier temps, nous caractériserons les principaux changements liés au processus d'urbanisation qui ont bouleversé les structures sociales du village. Nous vérifierons ensuite dans quelle mesure ces changements ont conditionné la vie quotidienne dans l'espace rural (aussi bien chez les hommes que chez les femmes).

Mots-clés genre, rural, sociabilité, Alentejo.

Género y espacio rural: el caso de una aldea alentejana

Este artículo describe el modo como, a lo largo de las últimas tres décadas, se modificaron los diferentes papeles de género en una comunidad rural localizada en el Alentejo (Albernoa). De este modo, en un primer momento, caracterizaremos los principales cambios relacionados con el proceso de urbanización, que ha afectado las estructuras sociales de la aldea. Posteriormente, verificaremos en que sentido esas alteraciones condicionaron el día a día vivido en el espacio rural (tanto para los hombres como para las mujeres).

Palabras-clave género, rural, sociabilidad, Alentejo.